

ANTUNES, Leonardo. *Lícidas*. Porto Alegre: Zouk, 2019. 70 p.

Lícidas (Zouk, 2019) é a nova aventura de Leonardo Antunes pelo universo dos gêneros clássicos da poesia. A peripécia já havia sido experimentada no premiado *João & Maria: dúplice coroa de sonetos fúnebres* (Patuá, 2017), em que o poeta enfrenta a prodigiosa tarefa de compor 14 sonetos para cada uma das personagens do título, mediante o desafio de iniciar cada poema com o último verso do anterior. O resultado é uma perfeita coroa heroica, em que o arranjo em sequência do primeiro verso de cada um dos 14 sonetos, de ambos os conjuntos, forma um novo poema, que introduz a história das personagens.

O gosto do autor pelas formas poéticas clássicas também se manifesta no campo da tradução, a exemplo de *Édipo Tirano*, de Sófocles (Todavia, 2018), que traz para o português o ritmo do verso grego, valorizando o aspecto performático da linguagem, próprio da encenação teatral. O trabalho na Universidade Federal do Rio Grande do Sul como professor e pesquisador de temas e formas da literatura grega antiga, que se mostra no volume *Ritmo e Sonoridade na Poesia Grega Antiga: uma tradução comentada de 23 poemas* (Humanitas, 2011), por certo fornece ao poeta solo seguro e fértil, por onde viaja sua imaginação, trazendo para o presente o frescor da paisagem antiga.

O que poderia parecer anacronismo fora de propósito – a recorrência a formas literárias que dizem de um tempo pretérito, dentro de rigorosas regras de composição – transforma-se, na pena de Leonardo Antunes, em coexistência de tempos, em potente contemporaneidade. Lembremos que ser contemporâneo, conforme Agamben (2013), não é coincidir com a nossa época, ou manter-se *up to date* com as últimas tendências, mas estabelecer com o presente uma relação densa, enfrentando seus impasses, incômodos e desajustes. A contemporaneidade de *Lícidas* encontra-se precisamente na

historicização de formas e motivos da tragédia grega antiga, lançando luz sobre as circunstâncias obscuras do tempo presente.

O motivo da tragédia *Lícidas* é retirado de um episódio das Guerras Pérsicas, conforme narrado por Heródoto, no século V a.C. Conta o historiador que um membro do senado, de nome Lícidas, manifestara opinião favorável à oferta de paz trazida por um emissário persa. A atitude provoca a indignação dos atenienses, que apedrejam Lícidas até a morte. Como se isso não bastasse, também sua esposa e filhos morrem apedrejados, vítimas da revolta das mulheres de Atenas.¹ Esse é o argumento histórico que inspira a composição das ações da peça de Antunes, constituindo o *mythos* trágico, parte essencial da tragédia, conforme ensina Aristóteles (1993) na *Poética*. Em *Lícidas*, a trama dos fatos é ágil e repleta de relações internas, urdida em versos decassílabos, com ritmo e sonoridade bem marcados, elocução clara e linguagem corrente, mas nunca vulgar.

A tragédia inicia com o canto solene do coro (por isso, somente aqui, os versos são alexandrinos, rigorosamente acentuados na 3ª, 6ª, 9ª e 12ª sílabas), anunciando a nova guerra prestes a acontecer, no mesmo lugar, Salamina, onde antes a poderosa frota dos persas fora derrotada pelos bravos guerreiros helenos. Em seguida, Lícidas e Aristeu, membros do conselho ateniense, encenam um longo diálogo, que se estende por dez páginas, por meio do qual se delinea o caráter e as ideias das personagens. Essa caracterização é um aspecto fundamental na composição da trama, pois está diretamente associada às ações e às escolhas que, no desenvolvimento da história, conduzem o herói ao seu destino, como requer o poema trágico, conforme a lição aristotélica.

O argumento que sustenta o debate entre as personagens diz respeito às formas de exercício do poder. Lícidas e Aristeu travam um verdadeiro diálogo, que nada tem a ver com concordância de pontos de vista, como em geral se acredita, mas com o conflito de ideias. Impossível descrever no espaço de uma resenha os pontos e contrapontos da discussão, e nem é preciso: basta entendermos a posição distinta que ambos ocupam na arena política. Falando a propósito das suspeitas que recaem sobre Temístocles, general responsável pela gloriosa vitória dos atenienses sobre os persas, Lícidas condena a vaidade do herói, que, segundo avalia, age manipulando a opinião pública e reivindicando para si o poder e a fama, sem considerar a participação do povo nos

¹ O episódio é pormenorizado no prefácio da obra de Antunes, escrito pelo professor Rafael Brunhara.

destinos da cidade. Aristeu, por sua vez, afirma não confiar nas escolhas das assembleias, formadas por “gente volúvel a retoricismos, / a quem um argumento vale mais / do que a verdade diante dos olhos” (17). Para Lícidas, o destino da pólis é uma decisão coletiva. Deve considerar a opinião dos homens comuns (por mais que na democracia ateniense as decisões não caibam ao povo, e sim àqueles poucos que falam em lugar dos despossuídos de voz). Para Aristeu, a pólis não pode ficar à mercê das opiniões volúveis da multidão, mas precisa de um líder esclarecido, capaz de orientá-la “em meio à tempestade de discursos” (20).

O diálogo entre as personagens encarna a substância mesma da política, que sempre tem a ver, como lembra Jacques Rancière (2018), com o equilíbrio na distribuição tanto de poderes, para controlar a dominação de uns sobre os outros; como de direitos, para que todos os membros da comunidade tenham acesso aos benefícios que garantam a subsistência física e o pleno desenvolvimento das suas capacidades criativas. A dialética trágica de *Lícidas*, porém, não se reduz a opor de maneira dicotômica a democracia ao governo aristocrático e autoritário. A tensão se amplia com a entrada em cena de Heterócrates, marcando um ponto de inflexão na ação, que se encaminha, desde aí, para uma escalada de irracionalidade e barbárie. Aos poucos, o discurso do déspota vai ganhando força, proferindo absurdos contrários às leis, aos costumes e à ordem instituída. Pegar em armas e vencer o inimigo passa a ser o objetivo cego a que se aliam os cidadãos, movidos pelo desejo desenfreado de violência, às custas até mesmo da violação dos preceitos mais sagrados. A cena do apedrejamento de Lícidas - acusado de traição por defender no conselho o término da guerra, como se supostamente agisse subornado pelo rei da Pérsia - é narrada por Heterócrates, que participara do ato. O discurso do personagem justifica a brutalidade e, ao mesmo tempo, acentua os detalhes cruéis da morte que se passa fora do palco, como convém à recepção da tragédia, segundo os moldes aristotélicos:

Lançávamos mais gritos e mais pedras
Até que, após um golpe muito forte,
O seu crânio abriu e derramou
O encéfalo na terra do conselho. (p. 37)

Não podemos perder de vista a ironia que perpassa a dialética trágica, operando a inversão dos sentidos vinculados às escolhas do herói. Assim, as posições democráticas

de Lícidas, seja na defesa que faz das discussões coletivas nas assembleias, seja na pretensão política de influir nas decisões do conselho em favor do povo, acabam provando sua ineficácia, pois seus argumentos não resistem à fúria insana e descontrolada dos concidadãos. O juízo contra Lícidas ocorre sem grandes discussões, revelando que a democracia como instituição não está imune a verdades prévias, assumidas não conforme a evidência dos argumentos, mas ao sabor das paixões que arrastam a multidão ao limite da insensatez, onde já não existem mais escrúpulos nem pudores. Desse modo, o coro não mais pondera e aconselha, como seria de costume na tragédia clássica, mas ao contrário, incita à violência; o corifeu, por cobrar fatos que provem a suposta traição de Lícidas, é sumariamente morto em cena por Heterócrates, contrariando os padrões éticos e a sensibilidade estética da tragédia; a esposa e o casal de filhos de Lícidas têm suas carnes laceradas “em sucessivos incessantes golpes” (p. 50), pela sanha de vingança da multidão. Nem mesmo a verdade dos deuses prevalece, pois está sujeita aos interesses imediatos dos homens poderosos que, sentindo-se eleitos, “guiados por um nume protetor”, colocam-se à vontade para transformar suas infâmias em “justiça manifesta”.

Já quase ao final da peça, o povo está reunido na praça – espaço privilegiado da democracia ateniense –, em uma grande cerimônia de matança de animais, em honra “aos deuses súperos do excelso olimpo” (p. 54), verso cuja grandiloquência cria um deslocamento irônico face à torpeza dos atos que se passam no espaço público da ágora. A cena final mostra o povo dirigindo-se ao porto, ávido pela guerra. Não importa que sangue inocente tenha sido derramado, que o cadáver do velho corifeu permaneça na praça insepulto, pois nem a morte de um cidadão é digna de misericórdia. A violência não só é o desígnio vitorioso, como também um estado de coisas a ser normalizado, conforme profere Heterócrates:

Melhor deixar tudo como está.
Aos deuses não agradam as mudanças. (p. 65)

Apesar de o final da peça apontar para uma ordem distópica, conformada à violência e à opressão, a dialética trágica ensina que o sofrimento e a morte não são o fim de tudo. Desencadeado o mal, importa enfrentá-lo, assumir a responsabilidade sobre a nova ordem que virá. A fatalidade trágica nada tem a ver com inação, mas com

a certeza de que não estamos livres da desordem do mundo, motivo continuamente reencenado pela tragédia, a convocar uma ação permanente. Por certo, os mil versos de *Lícidas* não se reduzem a um conjunto de convenções abstratas da tragédia; a mimesis trágica antes evidencia a habilidade do autor em compor um complexo de relações que conecta os atos a uma ordem social e histórica que identificamos como nossa, na urgência de encararmos, de olhos bem abertos, o seu conteúdo trágico.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANTUNES, Leonardo. *Lícidas*. Porto Alegre: Zouk, 2019.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. *O descentendimento: filosofia e política*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 2018.

Rejane Pivetta de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.